

BALADA DO RIO OCREZA

Sob o céu de água, e setembro
Desce o Ocreza, apressado,
A encosta que, em Dezembro,
Se há-de vestir de noivado.

Entre fragas, dividido
Volta atrás, passa adiante
Inquieto, de si perdido,
Sem margens a cada instante

Lôbrego, fero, imprudente
Cavalga poços, quebradas,
Ferido como serpente
Em novas águas passadas.

Às ordens da natureza,
Faz-se tempo, sombra, mágoa,
Até deixar, com tristeza,
De ser rio, só ser água.